



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”- CAMPUSIII/GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA PAULA ALEXANDRE DOS SANTOS

**MULHERES CAMPONESAS: A HISTÓRIA DE VIDA E LUTAS DE DUAS
ASSENTADAS DE ZUMBI DOS PALMARES/MARI/PB.**

GUARABIRA

2017

ANA PAULA ALEXANDRE DOS SANTOS

**MULHERES CAMPONESAS: A HISTÓRIA DE VIDA E LUTAS DE DUAS
ASSENTADAS DE ZUMBI DOS PALMARES/MARI/PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso em
Pedagogia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Área de concentração: Educação do
Campo.

Orientador: Prof^aMs. Rita de Cássia
Cavalcante

GUARABIRA

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237m Santos, Ana Paula Alexandre dos
Mulheres camponesas: [manuscrito] : a história de vida e lutas
de duas assentadas de Zumbi dos Palmares/MarãPB / Ana Paula
Alexandre dos Santos. - 2017.
29 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Profa. Ma. Rita de Cássia Cavalcante,
Departamento de Educação".

1. Mulher Camponesa. 2. Movimento Sem Terra. 3.
História de Vida. I. Título.

21. ed. CDD 981.33

ANA PAULA ALEXANDRE DOS SANTOS

MULHERES CAMPONESAS: A HISTÓRIA DE VIDA E LUTAS DE DUAS
ASSENTADAS DE ZUMBI DOS PALMARES/MARI/PB.

Aprovada em: 07/08/ 2017.

BANCA EXAMINADORA

Rita de Cássia Cavalcanti

Prof^ª. Ms. Rita de Cássia Cavalcante (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Sheila Gomes de Melo

Prof^ª. Ms. Sheila Gomes de Melo

(Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ana Raquel de Oliveira França

Prof^ªMs. Ana Raquel de Oliveira França

(Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

GUARABIRA

2017

Dedico primeiramente a Deus que é responsável por todas as vitórias e realizações na minha vida, ele que tudo pode tornar possível. E aos meus pais Antônio e Neuza.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que se fez presente nos momentos mais difíceis dessa longa caminhada sendo sempre o meu guia.

Aos meus pais Neuza Alexandre dos Santos cuja importância em minha vida não dá para descrever com simples palavras.

Aos meus irmãos Manoel, Graça, Daluz, Alexandre e aos meus queridos sobrinhos/as.

A todo (as) da minha família que de alguma forma contribuiu para minha formação.

Os meus professores do curso de Pedagogia da UEPB, que contribuíram para minha formação, ao longo desses cinco anos de curso. Com destaque a minha orientadora Rita Cavalcante, pela disponibilidade de seu tempo e dedicação mesmo que em momentos difíceis.

Aos meus colegas de sala pelo apoio e por proporcionar manhãs agradáveis ao longo do curso. Principalmente a minha amiga Carla Batista que sempre esteve presente em todos os momentos, seja durante o curso ou mesmo em nosso cotidiano fora dele. A todos que de alguma forma ou de outra, contribuíram para a construção do meu trabalho, a vocês o meu eterno obrigado.

LISTA DE SIGLAS

CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

CPT – Comissão Pastoral da Terra

CEB's – Comunidade Eclesiais de Base

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

ENERA – Encontro Nacional de Educadores (as) da Reforma Agrária

MEC – Ministério de Educação e Cultura

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

EJA- Educação de Jovens e Adultos

“Mulher camponesa é viver da terra, e se identifica com verdadeira causa do movimento, é ter o pé no chão conhecendo seus direitos e lutando por eles”.

Gordinha.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 CAMINHOS DA PESQUISA.....	14
2. O PROCESSO DE LUTA PELA TERRA NO BRASIL.....	16
3. AS MULHERES DA PESQUISA: UMA HITÓRIA DE LUTAS E CONQUISTAS.....	20
4. A INSERÇÃO DESSAS MULHERES NA LUTA DO MST: SUAS PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES.....	21
4.1 REPRESENTAÇÃO DA TERRA POR MEIO DAS TRABALHADORAS DO CAMPO.....	22
4.2 RECONHECIMENTO DO TRABALHO REALIZADO POR ELAS MEIO AO MST.....	23
5. A IMPORTANCIA DO PAPEL DA MULHER NA PARICIPAÇÃO DA LUTA PELA TERRA.....	24
6. CONSIDERAÇÕES.....	26
ABSTRACT.....	27
7. REFERENCIAS.....	28
APÊNDICES	

MULHERES CAMPONESAS: A HISTÓRIA DE VIDA E LUTAS DE DUAS ASSENTADAS EM ZUMBI DOS PALMARES/MARI/PB

Ana Paula Alexandre dos Santos

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a luta e trajetória da mulher camponesa em meio ao movimento do MST, seu histórico de luta e a importância do seu trabalho e o papel que desempenha na organização política e social do seu assentamento. Utilizando a história de vida de duas assentadas: Josália Gomes do Vale (Gordinha) e Gesonita Alves (D. Nita), ambas oriundas do assentamento Zumbi dos Palmares. O mesmo apresentará as dificuldades, desafios e conquistas que essas mulheres enfrentam na busca de melhorias e reconhecimento para uma causa que ainda requer muita luta. O trabalho aqui apresentado nasce das vivências trazidas pelo grupo de estudo Aprendizagem da Terra, em que o mesmo realizava formação de professores, nos assentamentos Tiradentes e Zumbi dos Palmares na cidade de Mari-PB, outra motivação veio através do Componente Curricular de Educação do Campo, e por meio de um desejo pessoal. A partir desses encontros surgia necessidade de aprofundar o conhecimento sobre essas mulheres que dedicam uma vida inteira em prol de melhorias para sua comunidade. A metodologia foi a pesquisa bibliográfica em livros, artigos, além de consultas a sites e blogs e a história oral e observação *in loco*. Os resultados obtidos foram a percepção de quanto a mulher camponesa lutou e vem ainda lutando para conseguir seus direitos, e assim garantir que esses direitos permaneçam para as gerações futuras.

Palavras Chaves: Mulher Camponesa, MST, História de Vida.

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo parte do reconhecimento da importância da participação da mulher e o seu papel nos movimentos sociais de luta pela reforma agrária. Visto que na história, o papel da mulher sempre foi desvalorizado, atribuído apenas às atividades domésticas, reforçando o machismo naturalizado culturalmente aceito pela sociedade.

No processo histórico muitos foram os aspectos de construção e reconstrução do papel da mulher na sociedade. No final da segunda metade do século XX, as questões pautaram-se em torno do direito ao voto feminino, agregando-se a isso muitas outras reivindicações. De acordo com Louro, Felipe e Goellner (2013, p. 13/16), ampliam-se essas pautas quanto ao direito à educação, as condições dignas de trabalho, ao exercício da docência, o acesso ao ensino superior, melhores condições de salários, como também decidir sobre o próprio corpo e sua sexualidade.

Com a redemocratização da sociedade, durante os anos 80, surgia necessidade de um investimento mais consistente em produção acadêmica com o desenvolvimento sistemático de estudos e pesquisas, que buscavam mostrar a mulher como sujeito, que rompesse com a subordinação social e invisibilidade política a que as mulheres foram historicamente submetidas. Pretendia-se com isso, qualificar as possíveis formas de intervenção na modificação de tais condições.

Essa trajetória acompanha a luta não só das mulheres da classe trabalhadora nas cidades, em oficinas de manufaturas e nas fábricas, mas também os movimentos de mulheres camponesas que movidas pela necessidade cotidiana de garantir sua sobrevivência e conquistar o espaço da mulher na

sociedade e a busca por direitos sociais. Esse momento segundo Duarte, Lusa e Silva, (2011, p.4), favorece que:

Ao se inserirem nos sindicatos, elas percebem como é difícil quebrar a hierarquia e os preconceitos que fundamentam as relações nas instâncias de poder das estruturas representativas. É o reconhecimento deste desafio, mas também da necessidade de romper com a perspectiva de dominação e desigualdade, que lhes incita a principiar uma luta por reconhecimento dentro dessas instâncias de poder.

Entretanto, uma das conquistas mais importante para as mulheres camponesas foi o direito à propriedade da terra, concedido na Constituição de 1988, que rompe com a possibilidade que só o homem fosse proprietário ou tivesse domínio sobre os bens sociais.

Logo, falar dessas conquistas é também entender essa luta junto as mulheres trabalhadoras sem terra, que no 1º Encontro Nacional dos Trabalhadores Sem Terra- MST, em 1984, propõem a organização do “movimento das mulheres sem terra”, que além da luta diária, incorporam também a luta sindical, na conquista de direitos e do reconhecimento como sujeitos políticos.

Esse encontro define a atuação política e organizativa e fortalece a mobilização da mulher num movimento social que luta por terra. E torna-se o lugar que deu visibilidade a importância da mulher na luta e como elas constroem sua autonomia frente as suas necessidades e reivindicações.

É importante registrar que a dimensão do crescimento participativo das mulheres nos eventos e, em especial no 1º Encontro (1984) e no Congresso Nacional dos Trabalhadores Sem Terra-MST, realizado em janeiro de 1985, em Curitiba, Paraná. Esmeraldo (2013, p. 247/248), também relata que:

Militando, desde décadas passadas, nas CEBs, na CPT, nas posições sindicais, mulheres rurais participam do congresso de forma ativa, afirmativa e organizada. Reivindicam a presença e participação de 30% de mulheres como delegadas (há registros de mais de 300 mulheres num universo de 1.500 delegados), integram os grupos de trabalhos, fazem parte de uma coletiva com a imprensa(nacional e estadual), são homenageadas e realizam a 1ª Assembleia de mulheres sem terra, na qual discutem suas reivindicações específicas e produzem um documento que é lido e aplaudido no encerramento do Congresso e incorporado ao documento oficial do citado evento. Nesse documento as mulheres expressam suas reivindicações específicas e também sua participação na composição da 1ª Executiva Nacional do MST, eleita nesse evento.

Esses momentos representam espaços mobilização e marca da participação das mulheres, ainda segundo Esmeraldo (op. cit, p.248):

O diálogo e a troca de informações entre as mulheres rurais sobre suas experiências de luta que se materializam na participação pela formação de núcleos de oposição sindical, em disputas eleitorais por mudanças de direção e prática sindical, pela sindicalização e atuação nas direções sindicais e em ações de ocupação de terra exprimem, durante o 1º congresso, possibilidades de potencialização de novas identidades políticas para a mulher sem terra, através da compreensão da necessidade de sua luta nos espaços sindicais seja por terra, pelo reconhecimento formal de sua condição de trabalhadora rural, seja para ter acesso a políticas previdenciárias.

Nesse sentido, a mulher se faz presente em todas as ações do movimento e vai demarcando seu valor e construindo sua identidade nas lutas e no reconhecimento de uma vida dedicada às conquistas do campo.

Conhecer sobre esses aspectos e focar para a dimensão da luta social local foi se iniciando a partir de minha participação no grupo de estudo “Aprendizes da Terra” e também como Bolsista voluntária no projeto: Formação dos/as educadores (as): Descobrimo Saberes e Fazeres Pedagógicos na escola Camponesa - Assentamentos Tiradentes e Zumbi dos Palmares/PB, em que atuamos nas áreas de reforma agrária, na cidade de Mari/PB. Além dos debates de Educação do Campo, em que fomos conhecendo de perto a realidade das mulheres sem terra e descobrimo como elas vêm demarcando suas intervenções.

Dessas participações, das visitas de observação e das reflexões trazidas durante os nossos encontros do grupo de estudo, e também das aulas do componente de Educação do Campo, nasce o objetivo de pesquisa visando conhecer e observar como se dá a participação da mulher na organização da luta pela terra.

É preciso dizer que a motivação pessoal, por ser uma mulher do campo, e viver até hoje no meio rural, também foi o elemento determinante dessa pesquisa. Mesmo não conhecendo de perto a realidade do trabalho nos assentamentos, mas é possível perceber a semelhança das reivindicações tanto para o trabalho com a agricultura como pela importância que ela tem para os camponeses, sendo algo que fortalece esses laços. Tendo para ambos, a terra como espaço de vida, de luta, lugar de produção e sobrevivência.

Entretanto, nesse trabalho não iremos aprofundar a trajetória de luta pela terra no assentamento Zumbi dos Palmares, mas focaremos como vai se

dando a participação da mulher na luta que vem se desenvolvendo no MST. Porém, nosso foco maior será contar a partir da história de vida e participação de Gesonita Alves (D. Nita) e Josália Gomes do Vale (Gordinha), mulheres militantes assentadas em uma organização política, no assentamento Zumbi dos Palmares/Mari/PB.

Nosso estudo tem como objetivo principal analisar o papel da mulher na luta pela terra no Assentamento Zumbi dos Palmares, um assentamento da reforma agrária junto ao MST. É bom demarcar que a presença das mulheres Sem Terra na estrutura organizativa do MST, se faz presente nas instâncias em nível nacional e estadual até nas instâncias de base.

Sem dúvida o MST é um dos Movimentos que mais mobiliza Mulheres para a luta em nosso país. Sendo uma organização que se propõe a reunir famílias para lutar pela terra, por isso as mulheres estão presentes desde os primeiros acampamentos e também sempre contribuem para que esse lugar cresça e tenha visibilidade, seja no trabalho doméstico, no campo ou na frente política e organização do mesmo.

E por ser um trabalho significativo e muito importante é que elas vêm ganhando a cada dia mais espaço em meio sua comunidade, procurando garantir os direitos da classe feminina e camponesa e também a busca de melhorias para todos, visando o bem comum.

1.1 Caminhos da Pesquisa

Nossa pesquisa nasce do desejo em dar voz aos que quase nunca são ouvidos na história, no nosso caso particular, as mulheres assentadas. Isso porque como diz Meihy apud Cavalcante (2002, p. 44/45), a História Oral parte de duas concepções diferentes, a “grande história” e a “história miúda”:

A “grande história” está voltada prioritariamente para o estudo das elites, ou de fatos políticos ligados ao estado, correspondendo a um estilo documentalista, tendo nos depoimentos orais a função de instrumento técnico complementar para preencher as lacunas dos documentos escritos, servindo apenas para divulgar a história de personalidades importantes. Assim, os depoimentos orais representam, nessa corrente, apenas arquivos que poderão ou não ser utilizados. A segunda corrente traz a perspectiva da história oral vista como método ou metodologia, consistindo no meio importante para se instituir uma relação de qualidade profundidade junto aos entrevistados, tendo como prioridade o trabalho ligado “aos que não têm história”, aos grupos minoritários.

Usar como exemplo, a história de vida de duas assentadas, Gesonita Alves (D. Nita) e Josália Gomes do Vale (Gordinha), é reforçar a voz e as narrativas das pessoas vindas de baixo, excluídas do processo da sociedade. Inspira a contar como se deu a participação das mesmas no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST e reafirmar o papel social que elas desenvolveram e desenvolvem frente ao movimento que participam.

A opção pela história de vidas se deu justamente porque essa abordagem metodológica vem condizer com a necessidade de mostrar que essas narrativas são memórias que por sua vez compõem a identidade em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo, mas tudo aquilo que o circunda e também como ele é visto ou por sua coletividade. Sendo assim, proporciona aos sujeitos espaços para aqueles que até então eram anônimos com relação à história. A história oral fortalece as narrativas dos sujeitos com os contextos e elementos do objeto de pesquisa. Nesse caso, a história oral de vida das assentadas.

Logo, falar da história de vida como disse Bourdieu *et al* (2006, p. 183):

Falar de história de vida é pelo menos pressupor- e isso não é pouco- que a vida é uma história, (...) uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história.

Suas histórias reforçam relatos individuais da vida de ambas como militantes, que não pode ser separada do que foi vivido por elas no movimento.

As histórias de vida aqui trabalhadas não serão tratadas de forma biográfica, mas fazendo alguns recortes da vida das entrevistadas, em busca de contar os significados não apenas do crescimento ou conquistas pessoais, mas retratando nas suas falas algo além de suas individualidades, mas tendo como foco os acontecimentos e vivências da luta, a força das mulheres na garantia não só da conquista da terra, mas como cada uma com suas individualidades e papéis diferentes, foram construindo objetivos comuns na luta, não só pela garantia de sobrevivência na terra, mas da autonomia do papel da mulher, de seus direitos e decisões de como atuar na luta pela terra e no movimento. Isso de certo modo, garante o seu crescimento pessoal e também incentivam outras mulheres a participarem de forma mais ativa no que diz respeito à luta do/no movimento.

Sendo assim Alberti (2004, p.22) vem reafirmar em sua fala que:

...uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio do vivido. A experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, sendo, atraente na divulgação do conhecimento. Quando bem aproveitada, a história oral tem, pois, um elevado potencial de ensinamento do passado, porque fascina com a experiência do outro.

2. O processo de Luta pela Terra no Brasil

Mesmo destacando nesse artigo a importância da mulher em meio a sua atuação no MST, não poderia deixar de fazer um breve relato sobre a luta pela terra no Brasil, buscando situar a inserção da mulher nesse processo.

Logo como vem destacando Maestri *et al* (2016, p. 72) sobre a formação do ser camponês no Brasil, ele nos dar uma noção de como essa categoria se constituiu ao longo de sua difícil trajetória:

Acreditamos que tenham sido especialmente cinco as principais vias que levaram à formação do campesinato brasileiro propriamente dito, categoria que se encontra em acelerado processo de superação, devido à crescente submissão à produção e ao mercado capitalista, ou seja, as vias: nativa, cabocla, escravista, quilombolas e colonial. O desconhecimento do caráter tardio e da fragilidade da formação da classe camponesa no Brasil tem dificultado a compreensão de aspectos determinantes da história nacional.

Essa formação histórica nos possibilita entender o quanto é difícil a organização do homem e da mulher do campo, fruto de toda uma submissão a lógica do mercado, que se buscar na história veremos que se inicia com a escravização/exploração na colonização e se estende a toda a classe camponesa durante toda uma trajetória de luta cotidiana para se fazerem.

Entretanto, a formação da classe trabalhadora camponesa além da luta histórica por direitos tem também na sua diversidade de trabalhadores (as), segundo Motta e Zartheta (2008, p. 09), as contradições e conflitos que referenciam modos distintos de viver: agricultores, proprietários e posseiros de terras públicas e privadas, os extrativistas, agroextrativistas, ribeirinhos, pescadores artesanais, catadores de caranguejo, castanheiros, quebradeiras de coco, açazeiros, arrendatários, parceiros, agregados, sitiante, moradores, foreiros, quilombolas, indígenas, serranos, caboclos, agricultores familiares e sem terras.

Assim, os conflitos e contradições desses setores sociais refletem o que analisa Motta e Zartheta (op. cit, p. 10),

Em todas as expressões de suas lutas sociais, seja de conquista de espaço e reconhecimento, seja de resistência às ameaças de destruição, ao longo do tempo e em espaços diferenciados, prevalecem um traço comum que as define como lutas pela condição de protagonistas dos processos sociais.

Ainda se referindo as questões históricas dos trabalhadores (as) e da luta pela terra, Martins apud Reis (2015, 90/91), traz um breve resumo como da questão e os vários desafios presentes até os dias atuais, destaca que:

A história do Brasil está povoada de conflitos e revoltas populares relacionados com a distribuição de terra. A Guerra de Canudos (1896-1897) no Nordeste, a Guerra do Contestado (1912-1916) no Sul, a Guerra do Formoso (1950-1960), no Centro-Oeste são alguns dos mais importantes episódios dessa história. De especial relevância nessa narrativa é a organização das Ligas Camponesas, movimento surgido em meados da década de 1950, da luta de arrendatários pelo acesso a terra no interior de Pernambuco. O crescimento das Ligas (só no Nordeste, elas tinham em torno de 70 mil associados) e a politização de seu discurso - que passou a incluir temas como a reforma agrária, o desenvolvimento e a questão regional -, foram considerados por muitos analistas como um dos detonadores do movimento que levou ao golpe militar no Brasil em 1964. Antes desse golpe, não apenas as Ligas, mas também o Partido Comunista (PC) e a Igreja Católica conservadora atuavam como agentes de mobilização social no campo, promovendo a sindicalização; o PC buscando aliados para a revolução proletária, a Igreja, diminuir a influência do PC sobre os pobres. Ainda em 1963, respondendo à pressão que vinha do campo, o governo federal vai permitir a formação de sindicatos rurais e da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag).

Mesmo com todos os movimentos organizados na história, as transformações ocorridas na agricultura capitalista, impõem situações adversas ao povo do campo, a expulsão e expropriação de suas terras, uso de diferentes formas de violências, retirada de emprego, além da mecanização da lavoura, o uso de agrotóxicos na produção. Esses fatores conforme Mielitz Neto, (2010, p.35).

A modernização da agricultura no Brasil ocorre em concomitância com o surgimento dos complexos agroindustriais. E, como nunca houve uma perspectiva de desenvolvimento rural integrado, grandes parcelas de agricultores brasileiros sofreram apenas os efeitos negativos dessa modernização, sendo deixados à margem do processo e tendo que enfrentar, além disso, as consequências trazidas pelo aumento de produção e de economia nos mercados agrícolas.

As transformações ocorridas nesse modelo de agricultura são marcas da concentração de terras nas mãos do latifúndio, fruto de uma elite ruralista brasileira, que expressam os interesses do capital, cuja forma maior de sua expressão articulada forma combinada à exploração e exclusão.

Toda essa situação além de modificar intensamente a economia e a sociedade, marca também a exclusão social dos/as trabalhadores (as) rurais e requisita, outras formas de organização e resistência na terra.

A conquista da terra não significa um lote para produção, mas também significa a conquista da cidadania, da construção e o resgate da identidade do homem e da mulher do campo. Representando a criação de novos espaços sociais, onde seja possível vivenciar uma nova fase de relações sociais.

Percebemos que a organização e a luta pela conquista da terra são geradas em torno da existência de uma identidade social, uma situação de vida que é comum, a todos esses trabalhadores (as).

É essa a condição de igualdade que os faz se reconhecerem como pessoas de uma mesma realidade e de um mesmo passado, fazendo por meio da luta uma tentativa de tornar possível o resgate de suas raízes e tornar real o seu sonho de uma vida mais digna. São homens e mulheres vindos de muitos lugares, os quais despertaram do seu casulo, se reconheceram enquanto integrantes de uma luta, e engajados na busca por um futuro mais digno, tornaram-se sujeitos sociais coletivos, modificando a sua história e da sociedade, deixando suas marcas para sempre na história.

No contexto dessa luta, encontramos o homem e a mulher do campo, ambos lutando e desfrutando dos mesmos ideais e objetivos. Desde o primeiro passo da luta que é a ocupação, a figura da mulher está presente, a qual se destaca ao lado dos homens, muito embora a cultura e os preceitos que rondam a organização familiar tenha, na mulher apenas uma "dona de casa, a senhora do lar, a mãe, a esposa". Essas mulheres, as quais se mostram aqui como objeto central desta pesquisa, desenvolvem inúmeras funções dentro da

organização e seguem junto com os companheiros a luta pela reforma agrária e na fundamentação da luta política e do pertencimento de classe.

3. As mulheres da pesquisa: uma história de lutas e conquistas

A história de luta e organização das mulheres trabalhadoras vem se construindo e fortalecendo junto com a história da humanidade, basta olharmos o que foram as guerras, a constituição dos povos, a participação das trabalhadoras e trabalhadores na sociedade, a conquista de direitos básicos. Entretanto, A particularidade de suas vidas será retratada nas próximas passagens desse trabalho, em que conheceremos um pouco da história de duas mulheres, militantes e defensoras da reforma agrária.

A primeira Gesonita Alves (D. Nita): mulher, mãe, trabalhadora rural, veio de uma infância sofrida, cresceu em meio a engenhos. Tinha um pai rigoroso que não permitia que as filhas estudassem, embora sempre tivesse vontade de frequentar a escola. Vivia apenas dos trabalhos domésticos. Aprendeu a ler e a escrever olhando pela janela a professora dando aula. Com um pedaço de telha ia fazendo rabiscos copiando o que a professora colocava no quadro ela reproduzia. Foi escolarizada nos projetos de alfabetização e escolarização do PRONERA, depois de assentada. Ingressou no MST por meio dos ideais de seu marido (Raimundo), tornando-se militante e atuante no MST e no movimento de organização da escola.

A segunda Josália Gomes do Vale (Gordinha), mulher, mãe e trabalhadora rural, vinda de Tacima, filha de um vaqueiro da fazenda de Zé Maranhão, o pai trabalhava pros outros tinha um pedaço de terra, o único salário era o que o pai trabalhava. Começou a trabalhar na agricultura desde 07 anos. E sempre trabalhou no campo, com a colheita do algodão e milho, para poder complementar sua renda familiar, sendo uma forma de ter desde cedo sua autonomia. Com uma vida escolar difícil por trabalhar durante o dia e estudar a noite, e muitas vezes o cansaço não permitia a continuar, com

dificuldade na locomoção, por conta da dificuldade com o ônibus que às vezes quebrava e tinham que conseguir outro transporte. O contato maior com a educação veio por meio do movimento com a EJA, e outros projetos que eram vivenciados desde o acampamento. Sendo o movimento o divisor de águas na vida desta mulher guerreira.

4. Inserção dessas mulheres na luta do MST: suas principais motivações.

A história de vida dessas mulheres demonstra que a luta se deu por caminhos bem distintos, dada a vida anterior delas antes de entrar no movimento. Mas quanto se tem o contato de perto, mostra-se que a inserção delas no movimento e como entraram não é o mais importante, pois quando começamos a conhecer cada história vemos como o MST vai mudando a sua vida e elas mudando com ele. O que se percebe é que ambas são mulheres fortes e capazes de lutar por seus ideais e pelos ideais das demais pessoas que fazem parte de seus convívios e de suas comunidades

Observando as falas podemos perceber que a organização das mulheres é parte das atividades do MST e de suas normas gerais, assim diz o artigo FURLIN (2013, p.261)

Art.43. O movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra deve estimular a participação das mulheres em todos os níveis de atuação, em todas as instâncias de poder, e de representatividade.

A motivação que acontece pelo fato de garantir direitos básicos: como ter sua própria moradia, seu alimento e principalmente o auto-reconhecimento de si mesma e de seus direitos como mulheres do campo, se apoderando de tudo aquilo que parecia algo distante, e que por meio do movimento abre-se uma oportunidade de crescimento pessoal e coletivo, logo que essas mulheres deixam claro que seus objetivos é contribuir com toda comunidade. Como traz Gordinha em sua fala:

já fui muito ajudada pelo movimento agora posso ajudar outros companheiros.

O MST trouxe para a vida dessas mulheres, ganhos muito importantes mesmo ainda sendo um trabalho que não teve um aprofundamento maior, são notáveis em suas falas, o quanto elas são conscientes com relação ao papel da mulher não apenas em meio ao movimento, mas também com relação o papel que a mulher tem mediante a sociedade.

Nesse sentido podemos observar que há uma troca, no início o movimento que contribuiu na vida de cada uma delas, hoje elas é quem contribuem com as ações do movimento.

As histórias de vida de D. Nita e Gordinha fazem parte de um contexto, de histórias de lutas e desafios que estão presentes em cotidianos de mulheres ativas e engajadas. Não procurando melhorias para si, mas procurando o bem comum para toda a comunidade.

E trazer a motivação de cada uma delas é perceber que mesmo na diferença dos motivos para entrarem na luta, ambas se dispuseram ao trabalho tendo uma grande participação na luta.

Sempre achei interessante á luta do meu esposo, pois vim de uma realidade do trabalho nos engenhos; ai entrei na luta por meio do trabalho dele dentro do movimento (D. Nita).

Mesmo D.Nita vindo de uma realidade diferente, ela não ficou indiferente às questões da luta trazidas pelo MST, optou em ser uma integrante do movimento, ela se apresenta como um exemplo de muitas trabalhadoras do campo, que vivem em um cotidiano árduo e cheio de desafios. Sendo a motivação de Gordinha algo despertada por um desejo de conhecer, como funciona e como acontece o movimento dos sem terra. Como podemos observar em sua fala.

Por meio de um convite, para participar da marcha do MST, e por meio da curiosidade fui participar, acontecendo no ano de 1998, a marcha foi de Cajazeiras a João Pessoa, pela curiosidade em conhecer o trabalho do movimento e a partir daí não parei mais. (Gordinha).

4.1 A Representação da Terra por meio das Trabalhadoras do Campo

A representatividade da terra para quem vive benefícios dela, terem um significado e um valor inestimável; e para essas mulheres a terra veio como uma oportunidade de crescimento e aprendizagem, em que ambas se utilizaram dos recursos que a terra oferece para assim adquirir autonomia.

Por meio de seus trabalhos, seja ele ligado diretamente a terra, ou suas questões, diz respeito aos direitos enquanto mulheres trabalhadoras do campo.

Sendo sua contribuição econômica muitas vezes oculta em relação que não necessariamente passam pelo dinheiro, pode ser utilizado como autoconsumo, trocas e doações daquilo que elas produzem. Retiram do próprio quintal quase toda a alimentação da família, fazem troca com vizinhas de um alimento pro outro, ainda fazem o plantio de ervas medicinais, e também preservam hábitos de presentear parentes e amigos com frutas, essas são algumas atividades das mulheres do campo.

Que utilizam os recursos oferecidos pela terra, seja utilizado de forma rentável ou simplesmente ajudar um vizinho. A fala de Gordinha ressalta esta questão:

A terra representa muito pra mim, por que trouxe uma visão diferente de ver o movimento e uma oportunidade de viver por meio do trabalho com a terra. (D. Nita).

Tudo o que se planta dá, usamos para o nosso consumo e ainda levamos para cidade, e por muitas vezes, não damos conta de consumir e vender, então quem precisa pode pegar, seja fruta, legumes ou qualquer tipo de alimento. Da terra se tira o sustento, não só para nós, mas também para comercializar, nos dá uma alimentação saudável, garantimos o nosso sustento e o sustento da cidade. (Gordinha).

Com pensamentos claros e simples, elas demonstram o quanto é importante o trabalho realizado por elas, e quanta sabedoria elas nos transmite, trazendo com suas fala a realidade do que passam o assentamento. Logo são conscientes que a terra não significa apenas plantar e colher, elas tem a dimensão de seus direitos e quanto foi difícil conquistá-los e que podem usá-los em qualquer lugar que elas possam está.

4.2 O Reconhecimento de seus trabalhos meio ao MST: enquanto mulheres camponesas.

Com relação à divisão social do trabalho, as mulheres realizam uma infinidade de atividades: as destinadas a cuidar da casa, da família (lavar, passar, cozinhar, limpeza) e ajudar os filhos com as tarefas escolares.

Além dessas atividades, ainda intensifica o trabalho na produção e em atividades, “ditas de homem” (limpa, plantação, colheita).

Assim, o trabalho do campo requer disponibilidade permanente das mulheres e ainda deve ter tempo disponível para casa, gerando uma sobrecarga em suas vidas e sem muito reconhecimento. Precisam dividir esse tempo, quando também desenvolvem outras atividades e trabalhos, seja na escola, seja movimento. Pudemos retratar nas suas falas:

Trabalho na escola e sempre ajudei aqui na escola, mesmo sem receber salário nenhum. E ainda ajudo meu esposo e meus filhos na agricultura, ajudando a plantar e a colher. (D. Nita)

Elas podem atuar em várias atividades desde o trabalho feito direto com a terra, como a participação do movimento. *Meu trabalho no movimento é fazer parte da direção estadual da Paraíba, eu assumo a tarefa de organizar a parte da alimentação, ajudo também na formação de grupos de mulheres, dando uma orientação para que elas possam continuar o trabalho depois da formação e ainda tenho o trabalho com a agricultura (Gordinha).*

A mulher só vem a cada dia reafirmando que é capaz de desenvolver toda e qualquer atividade. Dona Nita e Gordinha são exemplos vivos que o trabalho da mulher vai além das paredes de seus lares, o trabalho doméstico já não condiz com a realidade de cada uma delas.

5. A Importância do papel da mulher na participação da luta pela terra.

A mulher vem cada vez mais conquistando seu espaço em várias áreas de destaque. O trabalho realizado por elas no campo ganhado cada vez mais

visibilidade em meio ao movimento, mesmo havendo vários desafios a serem superados por elas.

Algo que fica em destaque é quando a mulher se insere na luta ela passa a ter uma consciência de classe e assume sua identidade de mulher camponesa e passa a compartilhar dos mesmos valores e discursos. Com a inserção da mulher no movimento e, conseqüentemente sua participação nas ações do movimento. Entendemos que através de seus discursos, a mulher procura garantir sua emancipação e sua transformação social, cuja possibilidade é possível quando ela se insere em um movimento, nesse caso o MST. Mediante essa explanação destacamos o depoimento de Gordinha:

A mulher é importante para o movimento para que elas possam garantir seus direitos, a mulher tem que ser livre e ter sua autonomia. Onde o home estiver a mulher tem que se fazer presente.

Isso é reafirmar que o papel da mulher traz um significado importante e passa a perceber seu reconhecimento e seu trabalho valorizado. Pois a sua atuação no movimento é sempre de forma firme e procuram reivindicar seus direitos e contribuem para mobilizar outras mulheres que ainda não tomaram consciência da importância de seu papel no assentamento e tão pouco têm consciência de seus direitos.

A construção da identidade da mulher na estrutura do movimento é uma prática importante na igualdade de gênero. Nesse sentido, ela passa a compreender a importância da luta para a construção de uma relação de igualdade. Assim, as mulheres vão se fortalecendo como pessoas que enfrentam a luta diária e para se fazerem presentes no movimento e na luta por sua cidadania.

A participação dela na luta pela terra autoriza sua atuação em várias instâncias do movimento e possibilita a transgressão da sua invisibilidade social e do seu papel. Provocando novas relações no interior da sua família e no seu entorno.

Essa atuação com consciência passa a diferenciar seu papel no movimento em relação aos homens e passa afirmar sua condição de mulher lutadora e comprometida. Conforme depoimento de Gordinha:

O movimento somos todos nós, independente de ser homem ou mulher se não tivermos consciência do papel que cada um exerce no movimento não há organização e avanço na luta.

E ainda como diz a mesma assentada, Gordinha.

Mulher camponesa tem que viver da terra e se identificar com a causa do movimento. É ter o pé no chão, conhecendo seus direitos e lutando por eles. (Gordinha)

Com essa fala de gordinha é possível ter dimensão da importância do trabalho da mulher em meio ao movimento. Suas contribuições são parte fundamental na organização do movimento, sendo com o trabalho no campo seja como militantes, ambos só vem reafirmar o quanto são indispensáveis para organização do movimento.

6. Considerações

Certos de que estamos apenas iniciando a discussão acerca da participação da mulher no processo de luta, acreditamos que a experiência organizativa da luta pela terra além de redefinir o papel de mulheres e homens, está também modificando a vivência do cotidiano desses sujeitos, assim como, fortalecendo o significado da luta e das demais pretensões de transformação embutidas nela, como a emancipação de classe.

Percebemos como o imaginário é construído apoiado em representações que variam de acordo com a necessidade que o movimento tem de difundir suas bandeiras políticas e ideais de luta. Nos momentos em que o movimento necessita mostrar a sua face familiar seu caráter maternal que é cuida dos interesses da classe que defende, a figura da mulher aparece com o seu jeito simples. Os momentos de luta, chamar a classe para fortalecer o movimento, a representação da mulher se transforma em uma figura destemida e disposta a tudo por aquilo que a classe acredita e defende.

Acredito que de alguma forma o trabalho possa ter contribuído para a compreensão de como as lideranças políticas e sociais, organizam e pensam formas de conquista através de imagens criadas com a intenção de transformar o imaginário coletivo dos grupos que lideram ou que buscam liderar; além dos

exemplos mencionados aqui, sindicatos e Movimento sem Terra. Por fim vimos como a figura da camponesa desempenha um papel junto á sociedade, mesmo com todos os desafios elas estão sempre na busca de se reafirmarem em quanto ás pessoas que lutam pela igualdade de seus direitos.

CAMPONESE WOMEN: THE HISTORY OF LIFE AND FIGHTS OF TWO SEATED IN ZUMBI DOS PALMARES / MARI / PB

ABSTRACT

This article aims to analyze the struggle and trajectory of peasant women in the midst of the MST movement, its history of struggle and the importance of its work and the role it plays in the political and social organization of its settlement. Using the life history of two settlers: Josália Gomes do Vale (Gordinha) and GesonitaAlves (D. Nita), both from the Zumbi dos Palmares settlement. The same will present the difficulties, challenges and achievements that these women face in the search for improvements and recognition for a cause that still requires much struggle. The work presented here arises from the experiences brought by the Apprentice da Terra study group, in which the same teacher training took place, in the Tiradentes and Zumbi dos Palmares settlements in the city of Mari-PB, another motivation came through the Field Education Curricular Component , And by means of a personal desire. From these meetings there was a need to deepen the knowledge about these women who dedicate a lifetime to improvements for their community. The methodology was the bibliographical research in books, articles, besides consultations to sites and blogs and oral history and observation in loco. The results obtained were the perception of how much the peasant woman fought and is still struggling to obtain her rights, and thus ensure that these rights remain for future generations.

Key words: Peasant woman, MST, life history

7. Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BOURDIEU, Pierre (at.al). A ilusão Biográfica. In: **Usos & Abusos da História Oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CAVALCANTE, Rita de Cássia. **Aprendizes da terra: a voz e a resistência do MST na Paraíba**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós Graduação em Educação, João Pessoa, 2002.

DUARTE, Kamilla Alves Duarte, LUSA, Mailiz Garibotti, SILVA, da Manuelle Nascimento. **Mulheres nos movimentos sociais**: a construção da identidade. Disponível em: http://cac.php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario6/args/Trab_completos_movimentos_sociais/Mulheres_movimentos_sociais_construcao_identidade.pdf. Acessado em: 02 de abril de 2017.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite (et. al). Protagonismo Político de Mulheres Rurais por seu Reconhecimento Econômico e Social. IN: **Mulheres Camponesas**: Trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

FURLIN, Neiva. A perspectiva de Gênero no MST: um estudo sobre o discurso e as Práticas de Participação das Mulheres. IN: **Mulheres Camponesas**: Trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

MAESTRI, Mário (et. al). A Formação do Campesinato no Brasil. In: **A questão Agrária no Brasil**: Interpretações sobre o Camponês e o Campesinato. 1ed. São Paulo: Expressão Popular/Outras Expressões, 2016.

MIELITZ NETO, Carlos Guilherme Adalberto. et al. Planejamento e Gestão para o desenvolvimento Rural. Coordenado pelo curso de Graduação Tecnológica Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD, UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=nNU6IHOK6U0C&pg=PA41&lpg=PA41&dq=GON%C3%87ALVES+NETO,+Wenceslau.+Estado+e+Agricultura+no+Brasil,+S%C3%A3o+Paulo:+Hucitec,+1997.&source=bl&ots=CsvOXWda5G&sig=m8MXI34uqURliqS-QZIDs4x-DEs&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjawrLynbTVAhXDHZAKHd7hBM4Q6AEIUzAJ#v=onepage&q=GON%C3%87ALVES%20NETO%2C%20Wenceslau.%20Estado%20e%20Agricultura%20no%20Brasil%2C%20S%C3%A3o%20Paulo%3A%20Hucitec%2C%201997.&f=false>. Acessado: 24 de maio de 2017.

MOTTA, Márcia. ZARTH, Paulo. **Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história: Concepções de Justiça e resistência nos Brasis**. V.1 - São Paulo: Editora UNESP, Brasília/DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural - NEAD, 2008.

REIS, Rossana Rocha. **O direito à terra como um direito humano: a luta pela reforma agrária e o movimento de direitos humanos no Brasil**. Revista Lua Nova, São Paulo, 86/89/122, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n86/a04.pdf>. Acessado em: 01 de março de 2017.

TEIXEIRA, Jodenir Calixto. Disponível em: **Modernização da Agricultura no Brasil: impactos econômicos, sociais e ambientais**. <http://seer.ufms.br/index.php/revagb/article/view/1339/854>. acessado em: 01 de março de 2016.

LOURO, Garcia Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo**. 9. Ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2013

APÊNDICE

Roteiro da História de Vida

- 1) Quando a senhora entrou na luta e o que lhe motivou?
- 2) O que representa a terra pra uma mulher trabalhadora rural?
- 3) O que é seu trabalho no MST, como avalia esse trabalho?
- 4) O que significa esse movimento na sua formação?
- 5) O que significa ser mulher camponesa?
- 6) A senhora considera importante a participação da mulher na luta pela terra? E por quê?
- 7) Há algum grupo de mulheres organizadas no movimento? Quais as ações e lutas?